



**Contos e
Novelas
Portuguesas
do SÉC. XIX**

Biblioteca Online do Conto

Contos e Novelas Portuguesas do Século XIX

2014, Camões, Instituto da Cooperação e da Língua, IP

Orientação: Luísa Costa Gomes

Digitalização e Correção: Inês Fonseca Santos

Revista Ficções / Instituto Camões / Instituto do Livro

Nuno Júdice

O AZAR DOS TÁVORAS

Nunca lhe acontecera uma coisa assim : saíra de casa sem levar um tostão no bolso e agora que começava a chover é que se lembrara que também não tinha levado guarda-chuva, e o pior é que não trazia dinheiro para táxi nem para guarda-chuva. Depois reparou que, mesmo que quisesse uma coisa ou outra, não poderia ter nenhuma delas porque o acaso da caminhada o levara para um sítio onde não passavam táxis nem havia lojas; e mesmo que tivesse levado dinheiro para uma coisa ou outra, e estivesse num lugar habitado, já passava das horas em que as lojas estão abertas e os táxis ainda passam.

- Mas que azar o meu, pensou!

Ouviu então uma carroça que vinha a passar, puxada por uma mula, e conduzida por um homem de cara mais para o torto do que para o direito, que o olhou como se tivesse visto fantasma, embora o outro é que fosse mais fantasma do que ele.

- Ó senhor! Faz favor, senhor! Sabe o caminho de volta para a cidade?

O condutor puxou das rédeas, fazendo empinar o pescoço da mula, que se retesou num repente, parando o carro.

- Vou para a cidade. Suba, que eu levo-o.

Nem pensou duas vezes quando viu armado o toldo sobre o banco do condutor, a protegê-lo das bâtegas de água que eram cada vez mais espessas. Por outro lado, o frio começava a apertar, e não tinha sequer uma camisola para o aconchegar. Sentou-se ao lado do homem que, com uma vergastada no dorso da mula, retomou o caminho.

- Quem diria que se ia pôr um dia assim!

O homem não deu troco. Olhava em frente, e puxou a gola do casaco para proteger o pescoço, grosso e atarracado.

- Tem dinheiro?

Oh diabo! Agora é que vinha a pergunta? De facto, já não se pode confiar na humanidade. Pensara que o homem se apiedara da sua situação, e o embarcara para o libertar de

uma molha que, pelo dilúvio que caía, o iria deixar num pingo. Que lhe iria responder? Que saíra de casa sem pegar no porta-moedas? Que tinha sido roubado? Que tinha perdido a carteira? Todas estas hipóteses seriam verosímeis; mas não estava habituado a mentir, e se lhe dissesse uma destas coisas o cocheiro rir-se-ia dele.

- Olhe: são coisas que acontecem. Não tenho aqui dinheiro, mas se parar num banco posso levantar algum e pagar-lhe – desde que a chuva me deixe, claro!

O homem olhou-o como se não tivesse entendido o que ele dizia. Felizmente, a chuva começara a abrandar; mais cinco minutos, e o céu daria tréguas, permitindo-lhe saltar para o chão e deixar tão incómoda companhia. O pior é que a mula corria cada vez mais; e começava a estranhar a demora que a viagem levava, dado que muito menos tempo fizera a pé desde a saída da cidade até ao lugarejo onde fora surpreendido pelo céu. Pareceu-lhe então que o carro abrandava; e não se enganou porque, decorrido um minuto, o condutor fez sinal:

- Chó! Chó, mula!

Não esperou muito, quando uma rica carruagem com as armas reais apareceu na direcção contrária; com um gesto brusco, o condutor fez com que a mula se atravessasse na estrada, tapando o caminho, o que obrigou os cavalos a empinarem-se, fazendo parar a carruagem. Mal assomou da portinhola a cabeça do passageiro, o homem puxou de uma pistola e desfechou-lhe um tiro que, por milagre, não fez mais do que furar-lhe o chapéu. Com o ruído da detonação, a mula assustou-se, voltando a abrir a passagem. O cocheiro real, então, aproveitou para livrar do perigo o seu precioso passageiro, ao mesmo tempo que dois escudeiros saltaram de trás do coche e imobilizaram o agressor, que nada fez para fugir, ao mesmo tempo que prendiam o hóspede que tivera a pouca sorte de pedir boleia.

- Como te chamas, miserável?

Ainda antes que ele pudesse dizer alguma coisa, o condutor gritou:

- É o marquês de Távora, cavalheiros! Foi ele quem me deu a ordem de disparar contra o senhor D. José!

Como num filme, começaram a correr-lhe pela cabeça as mais absurdas hipóteses; mas o que era absurdo era o que estava para lhe acontecer: preso, levado sob escolta para o cárcere, onde seria submetido a interrogatórios que o fizeram confessar que era ele, de facto, o marquês de Távora, mesmo que não percebesse como é que, tendo saído de casa, no século XX, para um inocente passeio ao campo, fora parar ao século XVIII e, por fim, se visse no patíbulo, com os

carrascos a partirem-lhe os ossos, antes que o garrotassem, só porque se esquecera da carteira e não encontrara nenhuma caixa multibanco para levantar dinheiro.

(inédito)

A CAMPONESA, A ÉGUA E O CAVALEIRO

Num mês de Agosto tão quente que até derretia os pássaros, com excepção dos mais espertos que se metiam nos galhos das árvores mais frondosas em busca de um pouco de frescura, saía da sua choupana uma bela camponesa para tratar do campo que lhe estava destinado. Mal saiu, logo a assaltou o calor, desfazendo-lhe o cabelo que se soltava sobre os ombros, e abrasando-lhe o ânimo de tal modo que, em vez de se dirigir à sua terra, desviou-se para a margem do rio que, naquele período, corria com calma, desafiando os mais incautos a um banho que os refrescasse. Vendo que não havia ninguém por perto, e posta a roupa de lado, meteu-se a camponesa na água e, em breve, nadava em grandes braçadas, procurando o meio do rio onde melhor podia dar largas ao seu desejo de exercício.

Ora, ao mesmo tempo que a camponesa tomava o seu banho, vinha um cavaleiro pela outra margem, puxando a sua égua pela arreata, com o que nem um nem outro se cansavam inutilmente, a égua liberta da sua carga, e o cavaleiro aproveitando o pouco de sombra que a companhia da égua lhe ia dando. Chegando ao lugar em que o rio mais se alargava, a mesma ideia que tivera a camponesa tomou conta dele; e se bem o pensou melhor o fez, despindo o gibão e metendo-se pela água dentro. Acontece porém que, ao contrário da camponesa, não sabia nadar o pobre do cavaleiro; e logo, perdendo o pé, viu chegar o fim dos seus dias, com o que começou a gritar à sua égua:

- Ouve, Rocina, não deixes que o teu senhor se afunde neste charco, com o que o mundo irá perder um cavaleiro sem igual, e tu o melhor dos donos que alguma vez tiveste!

a sua margem, ouvindo isto, a égua viu chegada a sua oportunidade de melhor vida e, sem perder tempo, pôs-se às de vila Diogo, como é timbre das éguas nobres, esperando encontrar outro senhor que a esporeasse, levando-a para novas guerras. Na aflição de se afundar, entretanto, o senhor nem deu por nada, e ainda menos por que uns braços mais ágeis no domínio das fortes correntes o seguravam, já meio desfalecido, puxando-o para a margem oposta. Como certamente adivinharam, pertenciam à camponesa esses braços salvadores; e foi neles que acordou o cavaleiro que, vindo de outro país, não entendia a língua da moça, tanto que, sem se

lembrar do motivo que o fazia acordar em tão aconchegado porto, pela muita água que bebera, lhe perguntou quem era; e ela, respondendo-lhe na sua língua, mais ainda lhe confundiu o pensamento, de tal modo que, olhando à sua volta, com arbustos e flores que ressaltavam do esplendor do estio, e vendo-se a si e à sua salvadora nos trajés naturais, entendeu que tinha passado de mundo e acedera ao próprio paraíso terrestre.

- Eva: aqui se cumpre, então, o destino mais alto a que um homem pode aspirar; e vejo que Deus me recompensou pelos muitos trabalhos que levei, oferecendo-me tão belo galardão em troco do muito que passei, com a minha Rocina, destroçando infiéis que o punham em causa, e erguendo templos para sua adoração!

A moça, que não percebeu uma palavra do que o cavaleiro dizia, no seu delírio místico, apenas deu conta que se tratava de um belo homem, apesar de uma magreza própria dos muitos trabalhos por que passara; mas, atenta ao seu pudor, correu para trás dos arbustos onde guardara a sua roupa e, sem perder tempo, vestiu-se e fugiu para o campo onde as companheiras de trabalho já esperavam e desesperavam pela sua ajuda, deixando o cavaleiro deitado, na ilusão de que ela regressaria.

Assim se passaram minutos, se passou uma hora, e como o cavaleiro não a visse voltar, resolveu ele tomar a iniciativa e avançar até ao lugar por onde a vira partir, e para lá do qual viu abrir-se uma tão bela paisagem, que o fez convencer-se mais ainda de que era no paraíso que se encontrava. E como, no paraíso, nem os anjos nem as almas andam vestidos, nem lhe passou pela cabeça que teria de se cobrir, avançando em feliz levitação pelo chão de erva, mas conduzido por uma providência que o encaminhou até onde as camponesas, reunidas, iam trabalhando os canteiros que esperavam a sementeira próxima. Entretidas neste trabalho, só quando ele chegou junto delas se aperceberam do estado em que vinha; e, gritando, todas se afastaram, mesmo a que o salvara e que, para não se denunciar, seguiu as amigas. Ele, no entanto, reconhecendo a sua Eva, chamou-a:

- Por que me foges, senhora Eva, levando atrás de ti os formosos anjos do Paraíso terreal? Não vês que te procuro neste oásis de verdura, para que ambos realizemos a vontade divina que manda ao homem que cresça e se reproduza?

Com efeito, manifestava já o adâmico candidato os atributos do seu voto, o que mais ainda fazia fugir as camponesas que, no entanto, vendo o ridículo da situação, se iam rindo por entre os intervalos da sua fuga. Mais ria, porém, a causadora de todo aquele equívoco, sobretudo porque se lembrava do seu discurso eloquente, ao sair da água, e da incoerência dele com a

figura descomposta de quem o proferia; e tão alto riu que ele, atentando em si, as deixou afastarem-se, enquanto dizia:

- Que ouço? Não é de anjo nem de Eva este som; mais me lembra a minha Rocina que, também ela, em horas mais ternas, me produz estes sons. Por isso não entendo eu palavra do que ela me diz! Então foste tu, Deus, que à minha montada restituíste a forma humana, para que de modo mais estreito ainda possa eu prosseguir a minha caminhada pelo mundo com tão querida companhia! Agradeço-te, Senhor, e não irei perder mais tempo com tão inocentes distrações.

Se bem o pensou, melhor o fez, correndo com toda a força das suas pernas em direcção à camponesa que tomava pela sua Rocina; e, chegando junto dela, saltou às suas cavalitas, gritando:

- Eia, minha Rocina! Leva-me para longe deste enganador Paraíso, onde pensei chegada a minha hora derradeira, e voltemos ao rumo da aventura, onde muitos trabalhos nos esperam ainda!

Vendo o homem às suas costas, nem a moça queria acreditar no que lhe sucedia, nem as companheiras entendiam outra coisa que não fosse a pior das intenções por parte de tão atrevido fauno. Do riso passaram então ao grito espavorido, com que ao lugar acorreram outros camponeses, e moços de varapau, que rodearam o cavaleiro e a sua desorientada salvadora, que desta vez nada pôde fazer por ele enquanto os aldeãos, deitando-o por terra, o deixaram moído de tarefa, e como morto, após o que todos regressaram a casa.

Acordou o cavaleiro do seu desmaio era já noite avançada. No ermo, onde não se ouvia viva alma, outro que não ele se teria assustado, muito embora o estado dolorido em que tinha regressado a este mundo nem lhe desse oportunidade de pensar em coisas do outro, não fosse o caso de ouvir um resfolegar brusco mesmo sobre o seu rosto. Refeito do susto, levou a mão à origem do ruído, dando com o focinho de Rocina que, cumprido um dia de louca correria em liberdade, que a fizera dar a volta à nascente do rio, acabou por voltar ao seu dono que, na escuridão, a confundiu com a sua Eva:

- Oh meu amor, sabia que não me irias deixar, depois deste assalto em que os infiéis me deixaram como vencido; e quero ir contigo a tirar a desforra do assalto!

No entanto, tacteando com mais vagar, no escuro, foi descobrindo com a mão que era focinho de equídeo e não feminino rosto o que sobre ele se debruçava; e mais deu por um corpo coberto de pêlo, e longas patas ferradas, em nada condizentes com a memória que Eva lhe deixara. Então, voltou a dirigir-se ao Ente supremo com desconsoladas palavras:

- Oh Senhor, por que voltaste a dar à minha Eva a forma de Rocina? Que pecado foi o meu, que me roubaste do paraíso e me voltaste a pôr no exílio terreno, onde terei de retomar os meus caminhos em demanda de provas e desafios, de que estou cansado, como se não tivesse já provado o meu valor com tantas vitórias sobre os mais ferozes inimigos?

Pôs-se então a pensar, enquanto andava, ainda combalido da pancada; e não andou muito que não chegasse novamente ao pé do rio, já a madrugada despontava. Ali, encontrou a solução para o seu problema.

- Ouve, Rocina: a única maneira de resolver isto, fazendo regressar o teu corpo de cavalo à figura angélica da minha Eva, é voltar a atirar-me à água para que, passado este Letes, tu me venhas salvar de novo!

E assim se voltou o cavaleiro a atirar ao fundão, de onde não mais saiu, sem que Rocina percebesse por que é que, pela segunda vez, ele a obrigava a dar a volta à nascente do rio, e mais ainda por que razão, desta vez, ninguém a esperava do outro lado.

(de «A ideia do amor e outros contos», Publ. Dom Quixote)